

A representação do ato da leitura em Edward Hopper

The representation of the act of reading in Edward Hopper

Luciane Bernardi Souza
UFSM

Resumo: O presente trabalho busca discutir a representação do ato da leitura nas obras Interior (*Model reading*) de 1925; Hall de Hotel (*Hotel Lobby*) de 1943 e Carruagem-salão (*Chair Car*) de 1965 do pintor americano Edward Hopper. Baseando nosso estudo nas noções apresentadas pelo teórico Roger Chartier, tomamos a noção de leitura enquanto prática social e seu entrelaçamento estreito com a ascensão do individualismo na sociedade moderna. A busca de algumas noções que relacionam ato da leitura com o local em que ocorrem (espaços públicos/ privados) foi possível a partir dos pressupostos teóricos de Richard Sennett e Norbert Elias.

Palavras-chave: Representação. Leitura. Edward Hopper.

Abstract: *This paper discusses the representation of the act of reading in the works Model reading (1925), Hotel Lobby (1943) and Chair Car (1965) the american painter Edward Hopper. Basing our study on the notions of the theoretical Roger Chartier, we take the notion of reading as a social practice and its intermeshing with the rise of individualism in modern society. The search of some notions that relate the act of reading with the place where they occur (public / private spaces) was possible based on theoretical assumptions of Richard Sennett and Norbert Elias.*

Keywords: *Representation. Reading. Edward Hopper.*

Introdução

A tarefa de nos confrontarmos com uma obra de apelo subjetivo como a de Edward Hopper, pintor americano do século XX, exige cuidados, de modo que os instrumentos de valoração tradicionais da história da arte não nos parecem suficientes para tal empreitada. Bebendo de fontes realistas e impressionistas europeias, Hopper iniciou sua carreira com ilustrações de cunho comercial direcionadas principalmente para revistas. No entanto, com o

passar do tempo foi conduzindo sua arte para aquilo que realmente apreciava: a pintura. Dono de um estilo único e alcunhado de “artista da solidão” o pintor inovou tanto no aspecto formal quanto no temático, por conseguir retratar com maestria a vida americana em seus melancólicos contrastes: a velocidade urbana e a calma provinciana, a cidade e sua influência sobre as relações humanas, a confluência entre paisagens rurais e a civilização, entre outros temas que foram magistralmente representados em telas nas quais o silêncio, a incomunicabilidade e o vazio figuram como elementos centrais e definidores.

Configurando um verdadeiro mergulho na subjetividade humana através de seus pinceis, cores e formas o artista representou mais que o espírito da vida moderna, mas a condição do ser moderno, ser este constantemente envolto pela sensação do isolamento. As figuras humanas de suas telas, que se assemelham a bonecos de cera paradoxalmente inertes em plena juventude, são retratadas em ambientes cujos objetos parecem desempenhar a função de relacioná-los com outras possibilidades de vivência e de contato com o mundo exterior. A introspecção das figuras humanas não apenas em lugares privados, como na quietude de quartos ou lares, mas também em locais públicos esvaziados de qualquer dinamismo revela o contato humano falho e imerso pelo silêncio, que prevalece sobre qualquer tentativa de comunicação.

O olhar particular de Edward Hopper sobre o cotidiano urbano, paradoxalmente repleto e esvaziado de sentidos, a imobilidade das cenas retratadas e o laconismo das figuras humanas em ambientes privados e públicos soma-se ao caráter realista de suas telas, concretizado através do trabalho de detalhamento e nitidez de pormenores, que fazem com que a produção do pintor seja constantemente posta em paralelo com a arte literária. Ivo Kranzfelder, um dos maiores críticos da obra hopperiana, lembra a proximidade do artista em relação à literatura ao afirmar que “Hopper tinha lido os clássicos franceses e russos traduzidos, entre os quais Molière, Victor Hugo, Marcel Proust, Rimbaud, Paul Verlaine e Charles Baudelaire (...), mas também apreciava o novo romance realista americano” (2003, p.29). Corroborando a isso, a fortuna crítica da sua obra aponta para inúmeras analogias entre o trabalho do pintor e clássicos da literatura mundial, como é o caso da tela *Noite Azul* (1914), relacionada ao poema *Sensação*, do escritor francês Arthur Rimbaud, e das muitas produções dos escritores T.S. Eliot e do contista americano Raymond Chandler, nomes constantemente mencionados por apresentarem produções atingidas pela estética do pintor americano.

No entanto, o diálogo entre a arte pictórica de Edward Hopper e a literatura não se detém apenas nas influências que a primeira gera sobre esta última. Curiosamente, inúmeras telas de

diferentes momentos de sua produção apresentam figuras humanas em sua relação, ora próxima, ora distante, com o ato da leitura. Dentre as muitas pinturas que ilustram este encontro podemos citar *Hall de Hotel* (Hotel Lobby) de 1942, *Excursão filosófica* (Excursion into Philosophy) de 1959, *Hotel à beira do Caminho-de-ferro* (Hotel by the Railroad) de 1952, *Primeira fila da Platéia* de 1951, *Dois na coxia* (Two on the aisle) de 1927, *Gente ao sol* de 1960, *Interior* (Model reading) de 1925, *Quarto de Hotel* (Hotel Room) de 1931, *Hall de Hotel* (*Hotel Lobby*) de 1943, *Carruagem-salão* (*Chair Car*) de 1965, *Compartimento C, Carruagem* (Compartment C, Car) de 1938, entre muitas outras nas quais as figuras humanas são representadas no momento da leitura, momento este que parece direcionar o olhar dessas figuras para outros mundos possíveis e potencializar o sentimento de solidão, este estritamente relacionado a ação de ler.

Nessa perspectiva, nos debruçamos sobre esta última particularidade mencionada e tão pouco explorada pela crítica hopperiana, buscando investigar quais os possíveis sentidos que a representação do ato da leitura, construída a partir de algumas obras do pintor americano, pode estar apresentando. Para tal, realizamos um pequeno recorte da vasta obra do artista na qual esse tema é reiterado, elegendo para o estudo as pinturas: *Interior* (*Model reading*) de 1925; *Hall de Hotel* (*Hotel Lobby*) de 1943 e *Carruagem-salão* (*Chair Car*) de 1965, selecionadas por apreenderem cenas de leitura realizadas no corriqueiro cotidiano e também por representarem aspectos variados quanto ao espaço no qual a ação da leitura se realiza: enquanto na primeira pintura visualizamos a presença do espaço privado (quarto), nas outras duas esse ato se realiza em um espaço limítrofe entre o público-privado (hall de hotel/carruagem).

Para fundamentarmos nosso estudo foi necessário visualizarmos não somente a história da leitura enquanto prática social, mas também o entrelaçamento estreito do ato da leitura com a ascensão do individualismo na sociedade moderna. A busca de algumas noções que relacionam este ato com o local em que ocorrem (espaços públicos/ privados) também nos forneceu suporte para o estudo e a busca de sentidos para as pinturas hopperianas, nas quais a leitura é o elemento central e definidor.

Leitura: uma prática social

Prática que passou por diversas transformações históricas em relação ao contexto em que se realizava, ao abandonar o status de mera transmissora do conhecimento se estendendo para além da tradição oral, a leitura transformou-se em um objeto de investigação de historiadores,

sociólogos e linguistas. As transformações sociais e culturais que acompanharam e possibilitaram o surgimento desta complexa ação foram inúmeras vezes retratadas em pinturas e outras manifestações estéticas, que não somente representavam esta prática social, mas, em uma relação mútua de representação e constituição deste ato, também conferiram ideais e modelo de leitura.

A similitude entre a representação pictórica do texto verbal e do texto visual é frequentemente encontrada em obras de pintores do século XIX, como César Matisse, Paul Cézanne e Auguste Renoir, entre outros importantes artistas que produziram pinturas nas quais as figuras humanas encontram-se compenetradas no ato de ler. Essencialmente retratadas em ambientes domésticos e familiares, tal ação geralmente enfatizava o aspecto íntimo das leituras realizadas por mulheres, que comumente sós, em seu lar, estabeleciam uma relação solitária e próxima com a obra literária. Desse modo, as pinturas destes artistas retratam o momento histórico no qual a leitura era uma atividade estritamente relacionada à vida privada e doméstica e que possuía o público feminino como o mais numeroso e fiel.

No entanto, nem sempre foi assim. A História nos revela que durante muito tempo houve a predominância da ação coletiva do ato da leitura, que geralmente realizada oralmente, funcionava também como um importante mecanismo de sociabilidade, na medida em que reunia pessoas direcionadas para este fim. Como modo de ilustração da leitura oral, nos deslocamos à Grécia Antiga, local e tempo que, segundo o teórico e estudioso do assunto Luciano Canfora (1989), até mesmo o leitor solitário

(...) não era silencioso: ele provavelmente lia à meia voz, o que reduzia as distâncias entre a leitura individual e a leitura coletiva. Jamais se lia unicamente com os olhos; mesmo nas bibliotecas, onde o ruído deveria ser insuportável. Mesmo quando se estava completamente só, como vemos na comédia quando aquele que recebia uma carta, lia alto não somente porque era necessário informar o público, mas também porque era o costume (CANFORA, 1989, p. 927).

Certamente, tal configuração existia somente em função da impopularidade e acesso restrito à leitura, cenário que começou a transformar-se em meados do século XIII, ganhando proeminência no século XIX. Segundo o estudioso francês e historiador do ato da leitura Roger Chartier (1988), um dos primeiros momentos de ruptura em relação à forma coletiva de leitura ocorreu a partir do século XIII nas universidades da Europa, em que ler silenciosamente, antes um ato restrito apenas aos monges copistas (século XI), se transformou em prática corrente nesses meios. De acordo com o estudioso, em um curto período de tempo a prática da leitura saiu tanto do âmbito religioso como do acadêmico e estendeu-se para a sociedade, representando

assim além de uma ruptura com o modo coletivo e oral, uma mudança revolucionária que atingiu inclusive os dinamismos de sociabilidade do homem. Confirmando esta noção, o estudioso assinala que

A leitura silenciosa de fato estabeleceu um relacionamento mais livre, mais secreto e totalmente privado com a palavra escrita. Também permitiu usos diferenciados do mesmo livro: dado o contexto ritual ou social, ele pode ser lido alto para ou com outras pessoas, ou pode ser lido silenciosamente para si mesmo no abrigo do estúdio, da biblioteca ou do oratório (CHARTIER, 1988, p. 19).

No entanto, ainda que no século XVIII predominasse a leitura realizada de modo público, uma mudança ainda maior em relação a este modo ocorreu com a queda do Antigo Regime, com as revoluções burguesas e a definitiva ascensão da sociedade moderna. Com o fortalecimento da burguesia, a laicização do ensino e a alfabetização, a possibilidade não somente de ler, mas de adquirir livros também aumentou, e o ato da leitura adquiriu o *status* de ato privado por parte desta nova classe social em ascensão, a burguesia. Silenciosa e individual, a nova forma de leitura apresentava vantagens ao leitor, que agora podia fazê-la sem a interferência e controle de instituições (religiosas, por exemplo) nem da comunidade na qual estava inserido. Tal mudança, que vem acompanhada de uma forte tendência individualista, resultou também no surgimento de uma série de temas que abordavam questões do mundo privado, como o aconselhamento moral, os bons costumes e as prendas domésticas, além de novos meios de expressão literária, como os jornais e as revistas, estes últimos direcionados principalmente ao público leitor masculino.

Elemento da evolução cultural da sociedade, a prática silenciosa da leitura relaciona-se intrinsecamente à um processo maior, ocorrido em toda a sociedade do século XVIII e XIX: o processo de individualização do ser moderno. A relação imediata entre o ato da leitura, agora também individual e silencioso, para as novas estruturas sociais em formação foi possível devido à transformação de espaços que contemplaram tal ato solitário. Essa nova situação criada e vivenciada pelo homem moderno assinalou um novo posicionamento do indivíduo em relação aos espaços públicos, pois este novo modo de ler, particular e restrito, ao favorecer a intimidade do lar doméstico e lugares privados, fez prevalecer estes espaços em detrimento dos espaços públicos de convivência.

O sociólogo americano Richard Sennett em sua obra já clássica para os estudos da comunicação humana *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade* (1999), investiga como ocorreram as formas de sociabilidade, representação e comunicação desde o século XVIII até os dias atuais entre as pessoas que habitam as grandes cidades e confirma a máxima de que “quanto

maior a intimidade, menor a sociabilidade” (1999, p.325). De acordo com o estudioso, a separação entre ler e viver coletivamente está por trás do processo de declínio do homem público, que cede espaço para a ascensão de um homem na qual os interesses e ações individuais estão acima de qualquer modelo de ser sociável. O sociólogo afirma também que a sociedade contemporânea, embrionada no século XVIII e XIX, e que eclode com potência no XX, possui como pilares a valorização sem igual da busca da intimidade, do retraimento e da privacidade. De tal modo, o que encontramos no âmbito social é o esfacelamento do espaço considerado público, na medida em que a cultura do individualismo se impõe (e opõe) à cultura social. Confirmando essa visão, Richard Sennet assevera que

os sinais gritantes de uma vida pessoal desmedida e de uma vida pública esvaziada são resultantes de uma mudança que começou com a queda do Antigo Regime e com a formação de uma nova cultura urbana, secular e capitalista (SENNET, p.30, 1999).

Nesse sentido, é possível afirmar que a razão disciplinar da sociedade burguesa produziu uma espécie de “ditadura do eu”, na qual o espaço público e as experiências coletivas foram gradativamente sendo renunciadas em prol da busca da satisfação de necessidades e desejos cada vez mais pessoais e individualizados. Simultâneo aos processos cada vez mais intensos de autocentramento do sujeito, esvaziamento/individualização do espaço público e leitura estritamente silenciosa, temos também a irrupção intensa do sentimento de solidão, agora validado socialmente, e que apresenta o desejo de estar só e/ou com seus bens como algo essencialmente moderno, oriundo de um processo civilizador mais amplo.

Sobre essa condição moderna, o filósofo contemporâneo Friedrich Nietzsche em sua obra *Humano, Demasiado Humano* (2000) a vê como algo inevitável do ser, ao tomá-la como um elemento de cunho grandioso, que deve ser encarada pelo homem como um instrumento de desenvolvimento interior. Contribuindo com essa discussão, o sociólogo Norbert Elias em sua obra *O Processo Civilizador* (1994), aponta para a relação entre as modificações sociais e o desenvolvimento do aparelho sensível e psíquico do ser¹, e revela que até mesmo a arquitetura das casas que começaram a surgir no século XIX potencializaram o sentimento de solidão e de individualidade do sujeito, ao apresentarem quartos particulares, jardins ingleses fechados, chambers franceses e bibliotecas particulares que, por exemplo, manifestam a existência de ações

¹Ver conceitos de psicogênese e sociogênese do autor Norbert Elias em sua *O processo civilizador: uma história dos costumes*.

individuais e meditativas, não partilhadas pelo sujeito com mais ninguém. Destarte, com os interiores das habitações apresentando quartos e lugares privados, o espaço para a leitura individual também foi contemplado, propiciando ao ser a privacidade para a escrita e para a leitura solitária, que exclui automaticamente o outro, estranho à privacidade do indivíduo. Tal ato, que foi acompanhado por transformações de cunho psicossocial no/do indivíduo, até transformações de cunho arquitetônico da/na cidade, representa uma espécie de revolução na consolidação da vida urbana, estrutura social da qual o homem buscava esquivar-se, ao refugia-se em seus lugares particulares, conservando assim sua intimidade e substituindo o espaço da vida pública pelo espaço da vida privada.

Nessa perspectiva, acreditamos que o ato individual da leitura, o declínio da vida pública e a representação da solidão que, como veremos, estão representados nas telas de Edward Hopper, podem estar apontando para o isolamento e introspecção do ser moderno, sentimentos estes que podem estar vinculados ao ato da leitura, pois, de aspecto solitário e pertencente à esfera íntima, este último exige do leitor uma atitude sempre introspectiva.

Entre a leitura, a solidão e o escapismo

Semelhante às inúmeras obras pictóricas do século XIX, as quais não apenas representavam uma dada realidade social em torno do ato da leitura, mas também criavam um determinado modelo e visão desta ação, no século XX as telas de Edward Hopper também podem ser consideradas manifestações estéticas que nos levam à reflexão em torno deste ato. Consideradas artes “irmãs” em função da proximidade e do constante diálogo que apresentam, a pintura pode muitas vezes ser considerada uma poesia emudecida. O autor Gotthold Efraim Lessing em seu estudo *Laocoonte* (1957) defende que a pintura é a arte do espaço por ser “estática”, enquanto a poesia é “dinâmica” e pertencer ao tempo. Nesse sentido, as telas de Edward Hopper parecem sugerir uma problemática ainda maior, pois, encontramos a ação da leitura (essencialmente dinâmica) “estatizada”, porém não estatizada pelo objeto em si (a pintura), mas pela impressão de imobilidade que muitas das pinturas provocam no espectador devido ao modo como são concebidas.

As três telas do pintor americano elegidas para o estudo, *Interior (Model reading)*, *Hall de um Hotel (Hotel Room)* e *Carruagem-salão (Chair Car)* contrárias à grande parte da arte pictórica, que geralmente possui elementos que sugerem uma história, apresentam uma representação que

parece “condensar” e “segurar” o tempo. Geralmente representando um instante condensado e fixado na ação de ler, as pinturas sugerem algo totalmente contrário à fluidez temporal das narrativas verbais, na qual encontramos uma “enumeração de acontecimentos” (2004, p. 355) que segundo o teórico Massaud Moisés, seria o elemento que daria “mobilidade” à narrativa.

A partir da investigação de como o autor constrói essa estaticidade temporal nas obras pictóricas e de como o ato da leitura é representado nas três pinturas, poremos em diálogo as noções discutidas anteriormente (solidão, individualismo, dialética do espaço público/privado - interior/exterior), buscando visualizar suas relações com a ação da leitura e verificando de que modo essas noções auxiliam na definição da representação em torno da leitura, construída pelo olhar hopperiano.

Entre cores e palavras



Interior (*Model reading*) 1925. Edward Hopper.

Na pintura denominada *Interior (Model reading)* do ano de 1925, visualizamos uma figura feminina solitária, aparentemente jovem que, sentada diante de uma cômoda, realiza o ato individual da leitura. Logo à primeira vista, além da figura feminina estar lendo, outra referência indireta à literatura pode ser estabelecida: sem qualquer receio adentramos na intimidade desta figura feminina como verdadeiros *voyeurs* e semelhante ao narrador do romance *La jalousie*, do escritor francês Allain Robert Grillet, espionamos sua intimidade. Tal impressão ocorre devido à privacidade na qual a imagem remete, já que a mesma se encontra em um quarto (seria o seu quarto? Ou um quarto de hotel?), lugar de máxima intimidade que, como já discutimos anteriormente, é um segmento do lar doméstico que surge no século XIX juntamente com a

individualização da sociedade burguesa, e que, devido à intensificação do individualismo cultural na sociedade moderna, não mais deixa de existir.

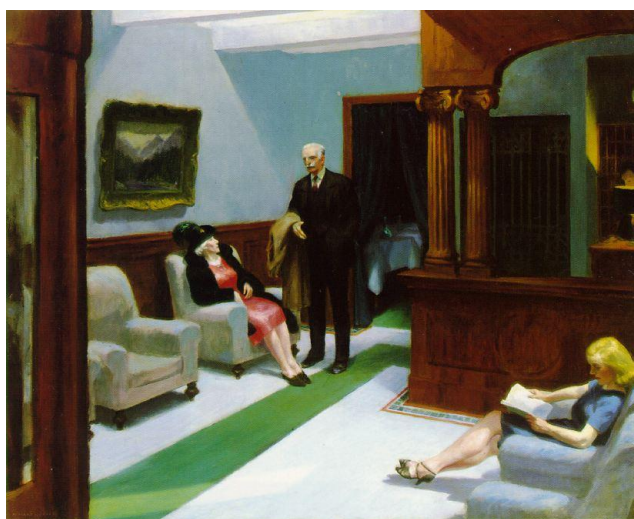
Ainda que não possamos ver a face da figura feminina, que está quase inteiramente coberta pelos cabelos, a jovem apresenta-se seminua, vestida apenas com uma peça de roupa que possui praticamente a mesma tonalidade alva de sua pele (o que gera a impressão de estar nua), confirmando a privacidade/intimidade do ambiente onde está: um quarto. Tal elemento, juntamente com o fato desta mulher estar sozinha neste ambiente privativo realizando uma ação silenciosa e íntima, pode estar conotativamente assinalando a vida interior desta mulher, assim como para os limites pouco demarcados entre o corpo e aquilo que ela veste (corpo/vestimenta), entre o seu exterior (o ambiente que a circunda) e o seu interior (sua subjetividade).

Da natureza-morta que circunda a figura feminina, a valise surge com uma força simbólica significativa, na medida em que esta pode indicar um deslocamento, uma mudança, expressando assim um elemento paradoxalmente contrário à estaticidade representada na tela. Soma-se a isso a não revelação de sua face, que escondida pelos cabelos que a cobrem, pode estar conotativamente remetendo à incerta identidade desta mulher, a um interior desestabilizado, que busca na leitura uma maneira de encontrar-se. Desse modo, na conjuntura desta tela o ato da leitura sugere uma possibilidade única de evasão daquele espaço e de encontro consigo, potencializando assim o sentido simbólico da valise. Reforçando esta impressão, a tela apresenta contrastes entre pontos claros e escuros, que apresentam certa dissonância existente entre duas realidades (uma externa e outra interna), que assim como a roupa e a pele da figura feminina, parecem confundir-se. Confirmando essa leitura, o estudioso Ivo Kranzfelder aponta que um traço característico da obra de Hopper é “a ausência de demarcação entre interior e exterior” (2003. p.18), que nesta tela também pode ser encontrado no ato da leitura, ato este que possibilita a realização do trânsito externo/interno.

A dialética deste movimento externo/interno também pode ser visualizada na sutil sensualidade que esta figura feminina apresenta, e no qual o texto, aparentemente o único objeto que possui a atenção da mulher, adquire tonalidades de objeto de desejo. Legitimando esta visão do texto como um objeto de aspiração, prazer e fruição, o crítico e teórico Roland Barthes em sua obra *O prazer do texto* (2013) defende o ato da leitura como uma busca do despertar do desejo, uma ação que deve ser encarada como uma ação *do* prazer *para* o prazer, que sem esquemas pré-estabelecidos, deve ativar os sentidos e a imaginação do sujeito leitor (2013, p.24). A compenetração dessa leitora no ato da leitura deixa entrever o afã de encontrar no texto certa

curiosidade que, freudianamente, Barthes apresenta como uma “curiosidade de fundo sexual. O que é erótico em um texto não é o tema, é o próprio texto. O texto é uma trança, cada fio, cada código é uma voz, essas vozes trançadas ou trançantes forma a escritura. O texto é em suma um fetiche” (2013, p.25)

Isto posto, o contato do olhar para com a obra, concretizado na ação da leitura, somado aos outros elementos simbólicos mencionados (a fusão da vestimenta com a pele/ a valise/ o livro como objeto de desejo/pulsão) parecem apontar para possibilidade de existência de algo externo, de um deslocar-se, de uma possibilidade de encontro consigo, na medida em que este ato introspectivo aponta para o trânsito, para a busca de algo que possivelmente não está naquele quarto. Nesse sentido, a obra literária estaria funcionando como meio/canal de comunicação simultânea com o externo e com o interno, como possibilidade de deslocamento desta figura que, atingida pela solidão, isola-se e acentua este isolamento com o ato solitário da leitura, mas que encontra neste o impulso do desejo de buscar algo além, através de um objeto cuja linguagem, segundo Barthes, “fere” e “seduz” (2013, p.47)



Hall de Hotel (Hotel Lobby), 1943. Edward Hopper

A segunda pintura a ser analisada é *Hall de um Hotel* (*Hotel Room*) de 1931, que apresenta uma cena aparentemente trivial: no saguão de um hotel, junto a um casal idoso que parece dialogar entre si (pressuposto inferido pelos gestos dele e pelas expressões receptivas dela) há a presença uma figura feminina, jovem, solitária, que sentada em uma poltrona deste hall, lê um livro.

Espaço não privado, o hall/saguão é um ambiente que pressupõe a possibilidade de existência social e comunicação com o outro, ao apresentar o constante e dinâmico transitar de pessoas desconhecidas. No entanto, apesar disso, o que prevalece é o retraimento da figura feminina que lê e que não apresenta qualquer gesto de proximidade e sociabilidade com o casal que também se encontra no hall do hotel, ainda que ambas as figuras femininas estejam, por exemplo, seguindo o mesmo código de vestimenta, o que potencializaria uma possível proximidade entre ambas por (possivelmente) pertencerem ao mesmo grupo social. Destarte, é no gesto da leitura, compenetrado e silencioso que a mulher sentada na poltrona parece afirmar sua individualidade, ato que por não se realizar em um espaço essencialmente privativo, ressalta ainda mais seu isolamento.

Nesse sentido, podemos afirmar que o ato da leitura representado nesta tela, por se realizar em um espaço não-privado parece funcionar como um meio/instrumento utilizado para que a figura humana possa manter-se alheia ao que ocorre ao seu redor, uma espécie de “defesa” contra a possibilidade de estabelecer uma relação social, anulando assim qualquer possibilidade de aproximação com o outro. Dialogando com Richard Sennett, esta pintura de Edward Hopper estabelece aquilo que o teórico denomina de “ideologia da intimidade” (1999, p.230), que consiste no fato do indivíduo se retrair à esfera do íntimo não somente através do isolamento em locais físicos, mas através de atitudes, pelas quais há a tentativa de transformar o público em privado.

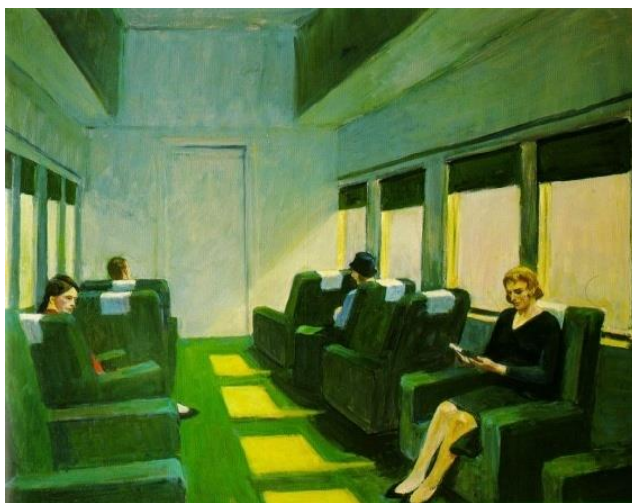
É relevante destacarmos também que, a partir do século XVIII, a cidade e seus espaços públicos perderam aos poucos a funcionalidade de local de encontro, de sociabilidade, vida coletiva e comunhão, pois, na modernidade, esses lugares se consagraram pela interpelação do sujeito e afirmação de sua individualidade. A tela de Edward Hopper reflete esta mudança, pois apresenta o ato da leitura não mais restrito aos espaços privados e domésticos, mas sim a tentativa de individualização de espaços públicos/coletivos através de ações de cunho intimista, como a da leitura, e que segundo Richard Sennett se configura como a extensão do domínio privado agindo de modo a contribuir com o desaparecimento da esfera pública.

Sobre a dialética do movimento externo/interno que as telas apresentam, nesta pintura este elemento pode ser visualizado através da cortina entreaberta projetada na porta localizada ao fundo do casal e que alude à existência de um espaço além daquele que conseguimos visualizar completamente. Confirmando esta leitura, encontramos também a pintura suspensa na parede próxima ao casal, que simbolicamente pode estar revelando e reforçando a possibilidade e existência de outros espaços exteriores e possíveis, assim como a literatura, que além de suscitar o

olhar (do leitor) para si, também possibilita a projeção de outros lugares/espacos que transcendem aquele vivenciado no momento presente.

Em *Hall de um Hotel (Hotel Room)*, juntamente com esta dialética do interno/externo, é evidente também a transmutação do outro no objeto livro/texto, que hipnotizante, reduz a atenção da figura feminina somente para ele. Assim, além dessa figura aparentemente estatizada, ocorre o ato libertador que a leva para além daquele espaço, confirmando a representação de uma leitora que se entrega ao prazer da leitura, ao texto do desejo, que cria espaços para o leitor ali “adentrar”. Tal leitura, do texto como objeto de prazer, também é potencializada pelos elementos simbólicos que encontramos na tela (o quadro, a cortina entreaberta, entre outros) que nos direcionam ao texto-corpo, objeto de desejo e pulsão. Nessa perspectiva, além de solitário e individual, o ritual da leitura pressupõe o desejo do objeto e a busca de algo além deste objeto, só possível através da ação da leitura, pois, segundo Roland Barthes

Todo o esforço consiste, ao contrário, em materializar o prazer do texto, em fazer do texto um objeto de prazer como os outros. Quer dizer, que seja aproximar o texto dos “prazeres” da vida (um petisco, um jardim, um encontro, uma voz, um momento, etc.) e em fazê-lo entrar no catálogo pessoal de nossas sensualidades (BARTHES, 2013, p.69)



Carruagem-salão (*Chair Car*), 1965. Edward Hopper

Em *Carruagem-salão (Chair Car)* de 1965, a cena retratada é novamente cotidiana: dentro de um vagão de trem iluminado pelo sol uma mulher lê, atenciosamente, um livro, aparentando não ter relação alguma com o que se passa a sua volta. Nesse mesmo vagão há mais três pessoas: um homem e duas mulheres sentados em poltronas à sua frente. Uma destas mulheres, no entanto,

sentada em posição diagonal à mulher que lê, direciona seu olhar para esta figura preponderante na cena, mas seu olhar não é correspondido.

O fato de encontrarmos sujeitos urbanos, desconhecidos, em um transporte coletivo, sem comunicação alguma um com o outro, faz com que a leitura pareça novamente funcionar como um meio de afirmação do individualismo, ainda que, paradoxalmente, num espaço não-privado. Assim, não encontramos absolutamente nenhum sinal de convívio, reconhecimento e pertencimento entre os seres representados na tela, pois a posição da mulher leitora, centrada em uma ação individual e de costas para a paisagem externa revela não somente a renúncia da comunicação com os outros seres que também estão no vagão, mas também com o espaço exterior. Em relação a essa representação, segundo Richard Sennett, a sociedade atual tem se configurado por uma multidão de pessoas preocupadas apenas com suas emoções particulares, de modo que “o mundo exterior, o mundo impessoal, parece nos decepcionar, parece rançoso e vazio e o domínio público desprovido de sentido” (1988, p. 26). Desse modo, essa leitora representada na tela de Hopper, que renega tudo a sua volta ao estar compenetrada na ação de ler (que aqui funciona como instrumento de esquite frente ao outro) evidencia esse ser contemporâneo, que se tornou incapaz da vida pública, incapaz de relacionar-se espontaneamente com o outro.

Considerações

Com o intuito de compreendermos a representação do ato da leitura nas três telas do pintor americano Edward Hopper, estabelecemos um diálogo profícuo entre estas e algumas noções de cunho sociológico (solidão, individualidade e espacialidade), que nos levaram a visualizar esta ação como um ato extremamente solitário e individual, permeado por uma atmosfera introspectiva e determinado pelos limites entre espaços públicos e privados.

As três pinturas de Edward Hopper analisadas, ao retratarem figuras humanas ensimesmadas, que ignorando o entorno, realizam apenas contato com a obra literária, ressaltam a atmosfera de solidão e incomunicabilidade que o ser moderno vivencia, sentimentos que são confirmados e potencializados pelo próprio ato da leitura, uma forma de resguardo para a solidão que esta ação, individual e solitária, acaba reforçando. Nas telas observamos que, esta ação, ao ser realizada em um espaço não-privado (*hall* de hotel e vagão de trem) demonstra e sugere a tentativa de levar o privado para o público, e que ao ser realizada em um local privado (quarto) revela o ensimesmamento e a busca do conhecer-se, mas também uma possível busca de um

conhecimento externo (representado por objetos simbólicos encontrados no espaço). Assim, a ação da leitura nas produções do pintor americano também é representada a partir de duas funcionalidades em relação ao espaço em que esta ocorre: ou como ensimesmamento e busca de um conhecimento interno/externo ou como proteção do ser moderno, urbano, em relação aos outros, quando a ação da leitura é realizada em locais públicos.

No entanto, foi possível considerar que, ainda que os sentimentos de solidão e isolamento sejam inferidos nessas pinturas, o ato da leitura também parece adquirir tonalidades sinuosas e de cunho “dionisiaco”, na medida em que o livro é o objeto com o qual as mulheres apresentam maior contato/intimidade. Assim, o diálogo entre o texto (objeto de prazer) e a ação da leitura (ação prazerosa) é intensificado quando visualizamos nas telas de Edward Hopper elementos e particularidades das figuras femininas potencialmente propensas a uma existência exterior: a valise, o quadro, a cortina entreaberta, a falta de limite entre o externo/interno, a fusão da pele com a roupa, as pernas nuas em destaque nas telas (sendo o maior ponto de luminosidade das pinturas) e o objeto livro, que assinalam para a criação de um espaço exterior, o espaço do desejo, revelando assim a potencialidade destes e da ação da leitura como um canal de incessante busca pelo externo/exterior.

De tal modo, o estudo dessas manifestações pictóricas hopperianas confirma que o isolamento, a solidão e a individualização são noções que acompanham e definem o ato da leitura nas telas do pintor americano, ainda que, por vezes, dependendo do contexto e espaço em que este ato ocorre, possa também ser definido por tons de desejo e de busca.

Referências

- BARTHES, Roland. *O Prazer do Texto*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Perspectiva.
- CANFORA, Luciano. *A Biblioteca desaparecida; histórias da biblioteca de Alexandria*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. 1 Rio de Janeiro : Jorge Zahar Ed., 1994.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Humano Demasiado Humano*. Trad. Paulo Cezar de Souza. São. Paulo: Companhia das Letras. 2000
- KRAMZFELDER, Ivo. *Hopper*, Taschen, 2006.
- LESSING, Gotthold Ephraim. *Laocoonte: sobre los límites de la pintura y la poesía*. Trad., pról. e notas Enrique Palau. Barcelona: Iberia, 1957 (Série Obras Maestras)
- MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- ROGER CHARTIER. *A história cultural; entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- SENNETT, Richard. *O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade*. Tradução: Lygia

HOPPER, Edward. Disponível em: <<http://www.agendadearteecultura.com/wp-content/uploads/2014/12/HopperInterior Model-reading-1925.jpg>> Acesso em: 15 jun.2015.

HOPPER, Edward. Disponível em: <http://campusdata.uark.edu/resources/images/articles/2015-04-03_02-20-22PMhopper_hotel_lobby_1943.jpg> Acesso em: 16 jun.2015.

HOPPER, Edward. Disponível em: <<http://art223sxu.blogspot.com.br/2010/04/chair-car-by-edward-hopper.html>> Acesso em 15 jun.2015.

Luciane Bernardi Souza

Atualmente é mestranda no Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria-RS. Possui graduação em Letras/Português e Letras/ Espanhol (UFSM).

Enviado em 30 de junho de 2015.

Aceito em 10 de janeiro de 2016.